

SIMPÓSIO AT223

BRASIGUAIOS: O ENSINO E APRENDIZAGEM NA FRONTEIRA BRASIL E PARAGUAI

Pastorini C, A , Lidiane
IFPR - Instituto Federal do Paraná
lidiane.pastorini@ifpr.edu.br

Resumo: Na Tríplice Fronteira formada pelas cidades de Puerto Iguazú (AR), Foz do Iguaçu (BR) e Ciudad del Este (PY), contexto caracterizado pela pluralidade cultural e pela força do fluxo comercial entre os países, destacam-se as relações e inter-relações entre Brasil e Paraguai. Analisamos, por meio de uma pesquisa bibliográfica, como as questões provenientes dessa zona de confluência permeiam a realidade vivida pelas famílias brasiguaias que retornam ao Brasil. Para tanto, temos como base, os estudos de (Dussel 1993), (Cavalcante 2009), (Albuquerque 2014), dentre outros. No que concerne à questão linguística, no contexto escolar não é incomum identificarmos atitudes preconceituosas relacionadas aos dialetos utilizados pelos estudantes brasiguaios. Esta pesquisa tem por intuito compreender como a escola atua ao receber o aluno brasiguai e que mecanismos são utilizados para reforçar ou minimizar as dificuldades apresentadas no aprendizado da língua portuguesa por ele. Para tal, esta pesquisa se complementará com a aplicabilidade de questionários que serão tabulados para serem apresentados no VII SIMELP.

Palavras – chave: Ensino; fronteira; identidade.

Resumen: En la Triple Frontera formada por las ciudades de Puerto Iguazú (AR), Foz do Iguaçu (BR) y Ciudad del Este (PY), contexto caracterizado por la pluralidad cultural y la fuerza del flujo comercial entre los países, se destacan las relaciones e interrelaciones entre Brasil y Paraguay. Analizamos, por medio de una investigación bibliográfica, cómo las cuestiones provenientes de esa zona de confluencia penetran la realidad vivida por las familias brasiguayas que regresan a Brasil. Para ello, tenemos como base, los estudios de (Dussel 1993), (Cavalcante 2009), (Albuquerque 2014), entre otros. En cuanto a la cuestión linguística, en el contexto escolar no es inusual identificar actitudes prejuiciosas relacionadas con los dialectos utilizados por los estudiantes brasiguayos. Esta investigación tiene por objeto comprender cómo la escuela actúa al recibir al alumno brasiguayo y qué mecanismos se utilizan para reforzar o minimizar las dificultades presentadas en el aprendizaje de la lengua portuguesa por él. Para ello, esta investigación se complementará con la

aplicabilidad de cuestionarios que serán tabulados para ser presentados en el VII SIMELP.

Palabras clave: Enseñanza; frontera; identidad.

Introdução

O processo de ensino e aprendizagem de uma língua é inerente ao processo de alfabetização na infância. Na região da tríplice fronteira: Brasil, Paraguai e Argentina ocorrem, não raro, a matrícula e iniciação escolar de brasiguaios em escolas de Foz do Iguaçu.

Crianças que são filhas de pais brasileiros e que viveram uma parte de sua vida no Paraguai e posteriormente, retornaram ao Brasil carregam consigo uma identidade própria que devido à homogeneização linguística do português passam a ser estigmatizadas socialmente, dentro da própria escola.

Essa estigmatização é explicada por Moita-Lopes (2013) ao expor o caráter de pureza da língua, ou seja, a língua como sistemas autônomos fechados que a sociedade defende, excluindo as próprias pessoas e contextos de produção nas quais estão inseridas e que justificam o modo próprio de usar a língua. De acordo com o mesmo autor, a língua pura configura um importante mecanismo de reforço das desigualdades sociais, cujas determinadas verbalizações são tidas como próprias de grupos específicos, logo está explicada a subjugação de alguns grupos diante de outros.

1. Fronteiras e Identidades.

Pensar sobre os brasiguaios requer questionar-se sobre identidade e fronteiras. Identidade devido ao rótulo a partir de características desse grupo e fronteiras, por causa das implicações de cruzar não apenas o limite físico, mas também o linguístico.

José Lindomar C. Albuquerque (2014) salienta que “A fronteira nacional não é uma realidade homogênea e no singular.” Essa observação é importante para dimensionar que fronteira não é apenas o limite geográfico ou jurídico que

separa um lugar de outro, mas envolve fatores políticos, econômicos e sociais também.

Nesse texto, preconizamos a abordagem seguida por Albuquerque (2014) em seu texto “Fronteiras: entre os caminhos da observação e os labirintos da interpretação” cujo enfoque recai sobre as dimensões social, cultural e simbólica das fronteiras, pois tratamos da construção identidade brasiguaiia na escola e a implicação social disso.

A identidade brasiguaiia, conforme expõem Maria Elena Pires Santos e Marilda do Couto Cavalcanti (2008), frequentemente parte de uma simplificação:

A construção simplificadora dessa identidade torna-se problemática, primeiro porque desconsidera as questões políticas, sociais e históricas que a denominação recobre, apagando a sua construção simbólica e ideológica. Segundo, vai depender também de que se inclui/exclui na/da denominação. E, por fim, o termo faz pressupor a homogeneização, o que conduz a uma representação unificadora de identidade, que é apresentada como inerente e constitutiva de um grupo. Rotulados de “brasiguaios” são transformados em minorias/grupos subalternos e marginalizados. (SANTOS; CAVALCANTI, 2008, p. 430).

A estigmatização social causada pelo rótulo “brasiguaios” contribui para o apagamento da identidade heterogênea do grupo e influencia no relacionamento escolar desses alunos refletindo no ensino e aprendizagem da língua portuguesa.

2. Identidade Brasiguaiia.

A questão da identidade brasiguaiia tem em grande parte um caráter homogeneizador, porém Santos e Cavalcanti (2008) defendem a complexidade dessa identidade e demonstram por meio de dados históricos que a identidade é percebida em conformidade com interesses e ideologias da nação naquele período. Um exemplo disso é trazido pelas autoras supracitadas ao contar os feitos do presidente Alfredo Stroessner que fomentou em sua política de

desenvolvimento, a cessão de terras para brasileiros e ignorou a resistência do movimento nacionalista paraguaio.

Percebemos diante desse quadro a necessidade de definir o que é ser brasileiro, o que é ser paraguaio. Esses questionamentos implicam na compreensão de um novo modo de pensar a identidade e perceber que podemos ter uma identidade híbrida. Nas palavras de Albuquerque (2014), as fronteiras são espaços que podem contribuir para fomentar o entendimento da identidade de outro modo que não seja una e fixa:

Os estudos das identidades fronteiriças são fundamentalmente situações de identificações coletivas liminares. Ninguém é somente brasileiro, paraguaio ou “brasiguai”. Uma única pessoa pode acionar várias formas de identificação conforme os interlocutores e as interseções sociais que estão em jogo no campo das práticas e interações sociais. Por exemplo, ser homem, imigrante brasileiro no Paraguai, paraguaio, “brasiguai”, brasileiro, gaúcho, descendente de alemão, torcedor do grêmio, entre outras. Imigrantes brasileiros podem se sentirem em casa no Paraguai, mais paraguaios que brasileiros, ou podem se sentirem estranhos, “fora do lugar” tanto de um lado como do outro da linha de fronteira. As situações de identificações fronteiriças são inúmeras e ajudam a afastar qualquer idéia mais cristalizada e permanente das identidades únicas e fixas. (ALBUQUERQUE, 2014, p. 74)

Essas identidades híbridas não são, em grande parte das situações, reconhecidas e isso dificulta o rompimento com o preconceito linguístico, que é um dos pilares da construção da identidade e foco dessa pesquisa.

Gasparin; Silva (2014) expõem as dificuldades de relacionamento entre sujeitos brasileiros que cruzam a fronteira para morar no Paraguai, matriculam os filhos nas escolas, porém não concordam que as crianças aprendam a língua Guarani por considerá-la de baixo prestígio social. Quanto ao espanhol, há uma tentativa de comunicação nesse idioma quando solicitado, mas entre si e com os próprios filhos falam português.

Ao traduzir essa situação para o contexto escolar, Gasparin e Silva (2014) após entrevistarem alunos brasiguaios, moradores do Paraguai, constataram que as crianças entrevistadas costumavam ficar quietas na sala

de aula devido ao não entendimento da língua guarani, principalmente. Essa quietude ocorria por conta do sentimento de desconforto ao tentar se relacionar com a professora, com os colegas a partir da língua: “na escola ela encontra uma trave, não consegue manifestar esse mesmo comportamento, por não poder se relacionar com facilidade e, no entanto, é considerada pela professora e os colegas como ‘a mais boazinha da sala’”. (2014, p. 1362).

Esse apagamento do outro, exposto pelas pesquisadoras acima, decorre na perspectiva de Enrique Dussel (1992) de um processo histórico, no qual a Europa – que já foi periferia do império turco-otomano e representada pelos conquistadores espanhóis e portugueses nas terras latino americanas impõe os seus costumes (a língua, a veste, a religião) e promove o encobrimento do outro. O autor exemplifica, ao narrar a saga de Cristóvão Colombo, que ao chegar às terras desconhecidas, até então, da América Latina pensou ter encontrado o caminho para a Índia e, nomeou, portanto, os habitantes daqui de índios. A ideia foi disseminada e embora, as culturas indígenas sejam diferentes entre si, todos os membros são denominados índios. Colombo foi além, também descreveu o comportamento dos habitantes dessas terras – partindo da comparação com os europeus – como selvagem.

A partir desse exemplo histórico ocorrido em 1492 de acordo com Dussel (1992), trazemos uma reflexão atual que expõe a continuidade desse encobrimento do outro. Acerca do branqueamento da língua, conforme Marilda do Couto Cavalcanti e Terezinha Machado Maher (2009):

Não é por acaso, portanto, que o mito do Brasil monolíngue em português foi sempre alimentado, apagando-se, por exemplo, que no Brasil Colônia se falava uma Língua Geral de base Tupi, ou que a língua de instrução em escolas de comunidades imigrantes era o alemão ou o japonês no período pré-Segunda Guerra Mundial. Tanto em um quanto em outro caso, por força de políticas linguísticas explícitas, essas línguas foram banidas para favorecer e fortalecer a língua portuguesa. (CAVALCANTI; MAHER, 2009, p. 35-36).

Ainda nessa perspectiva, as pesquisadoras expõem que além desse fortalecimento da tendência de que o Brasil falava uma só língua, houve a invisibilização de algumas camadas da população, principalmente, os

indígenas e os negros, enquanto que os italianos, alemães e demais imigrantes, cuja pele fosse clara eram bem recebidos.

Considerações Finais

Do fortalecimento da tendência de que o Brasil falava uma só língua, houve a invisibilização de algumas camadas da população, principalmente, os indígenas e os negros, enquanto que os italianos, alemães e demais imigrantes, cuja pele fosse clara eram bem recebidos.

Nesse panorama histórico, notamos que a rejeição àquilo ou àquele que é diferente do suposto consenso social tem dificuldade para ser aceito. Assim, ao ingressar em uma escola, em um país diferente daquele no qual foi alfabetizado e ser exposto a situações nas quais lhe é exigido o domínio de uma língua diferente da que está acostumado. Vemos, também, que a escola dita inclusiva, embora proclame a defesa e inclusão das diferenças, não tem apresentado ações pedagógicas e políticas com tal descrição.

Diante do exposto constata-se a necessidade de mais reflexões referentes aos desafios étnicos e linguísticos que a escola enfrenta, pois, estes, podem transformar-se em precursores de preconceito e estigmatização.

Vale ressaltar que essa pesquisa se complementarà com a aplicabilidade de questionários que serão tabulados para serem apresentados no VII SIMELP. Pretendemos, com os resultados, apontar possíveis sugestões para que possam ser aplicadas nas escolas fronteiriças contribuindo assim, com os aspectos que contemplam as minorias linguísticas da tríplice fronteira.

Referências

ALBUQUERQUE, José Lindomar Coelho. Fronteiras: Entre os caminhos da observação e os labirintos da interpretação. In: CARDIN, Eric Gustavo; COLOGNESE, Silvio Antonio (orgs.). **As ciências sociais nas fronteiras: teorias e metodologias de pesquisa**. Cascavel: JB, 2014.

CAVALCANTI, Marilda do Couto; MAHER, Terezinha Machado. Discursos que nos constroem e nos destroem dentro (e fora) da sala de aula. In: _____. **Diferentes diferenças: desafios interculturais na sala de aula**. Campinas: UNICAMP, 2009.

DUSSEL, Enrique. **1492 o encobrimento do outro: a origem do “mito da modernidade”**. Conferências de Frankfurt. Trad. Jaime A Clasen. Editora Vozes, Petrópolis-RJ, 1993.

GASPARIN, Marlene Niehues; SILVA, Izabel da. O processo de escolarização de “brasiguaios” no panorama fronteiriço e a representação de suas identidades. **III Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários (CIELLI) anais eletrônicos**. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2014. Disponível em: < <https://drive.google.com/file/d/0B0BzcvVyuWkVvklBdklwQ1dTWXc/view>>. Acesso em: 20 fev. 2019.

MOITA-LOPES, Luiz Paulo da. Como e por que teorizar o Português: recurso comunicativo em sociedades porosas e em tempos híbridos de globalização cultural . In: MOITA-LOPES, Luiz Paulo da. (org.). **Português no século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

SANTOS, Maria Elena Pires; CAVALCANTI, Marilda do Couto. Identidades híbridas, língua(gens) provisórias – alunos “brasiguaios” em foco. **Revista Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas: UNICAMP, 2008.